

O Esporte como Regras de Conduta e os Megaeventos Esportivos como Espelho de uma Nação: a Força e a Importância do Legado Olímpico

Sports as Rules of Conduct and Sports Mega Events as a Mirror of a Nation: the Strength and Importance of the Olympic Legacy

<https://doi.org/10.26512/rhh.v10i19.46382>

Edwaldo Costa

Pós-doutorando, Programa de Pós-Graduação em História
Universidade de Brasília (UnB)

<https://orcid.org/0000-0002-3416-3815>
edwaldocosta1@gmail.com

Virgílio Caixeta Arraes

Doutor em História, Professor Associado
Universidade de Brasília(UnB)
Pós-doutor em História
Université de Montréal

<https://orcid.org/0000-0002-6646-1788>
arraes@unb.br

Como citar:

COSTA, Edwaldo; ARRAES, Virgílio Costa. O Esporte como Regras de Conduta e os Megaeventos Esportivos como Espelho de uma Nação: a força e a importância do legado olímpico. *História, Histórias*, Brasília, v. 10, n. 19, jan./jun. 2022.

Resumo

Neste artigo, aborda-se como o esporte e suas regras de conduta podem ser usados como instrumento de domínio e controle, mas são vistos como lazer e exercício de cidadania dentro de uma sociedade, ao deixar-se de levar em conta que a maioria das regras das modalidades esportivas é elaborada por uma elite que exerce poder sobre a população em geral. Também se salienta como os megaeventos esportivos transcendem esse contexto e passam a ser usados por países e por grandes empresas para geração de lucro, movimentação da economia e instrumento de influência nas relações internacionais. Para isso, apontam-se primeiramente teorias de relações de poder de Nye (*soft power* ou poder brando ou sutil), Duroselle (repetição e regularidade) e Bourdieu (esporte como ‘docilização’) e, em seguida, explica-se como elas podem ser observadas na importância dada ao legado olímpico. Busca-se, ainda, entender como megaeventos esportivos são utilizados no contexto internacional, ao influenciar as relações dentro e fora dos espaços esportivos.

Palavras-chave

Megaeventos Esportivos; Legado Olímpico; *Soft Power*.

Abstract

In this article, we discuss how sport and its rules of conduct can be used as an instrument of domain and control, but they are seen as a citizenship right and leisure within a society, by failing to take into account that most rules of sports are created by an elite that exercises power over the population in general. We also emphasize how sports mega events transcend this context and start to be used by countries and large companies to generate profit, drive the economy and as an instrument of influence in international relations. For this, we first point out theories of power relations by Nye (*soft power*), Duroselle (repetition and regularity) and Bourdieu (sport as docilization) and then explain how they can be observed in the importance given to the Olympic legacy. It also seeks to understand how sports mega-events are used in the international context, by influencing relationships inside and outside sports spaces.

Keywords

Sports Mega Events; Olympic Legacy; *Soft Power*.

Introdução

Para entender a projeção do esporte no cenário contemporâneo, é necessário analisar como tem se dado o evoluir das relações de poder. Para tal, apoia-se o texto nas teorias de Joseph Nye Jr. e Jean-Baptiste Duroselle. É necessário deixar cristalinamente a amplitude do tema, que não se esgota na presente reflexão. A delimitação da análise a partir de dois autores (quando vários se debruçaram sobre o tema) visa justamente a analisar um dos muitos aspectos da questão, ao deixar em aberto o caminho para novas investigações analíticas sobre campo tão vasto quanto o que o esporte representa na sociedade atual. De maneira mais recente, Nye (2004) – um dos principais autores da teoria das relações internacionais do neoliberalismo político – definiu o conceito de *soft power*, ou seja, do poder brando:

O que é *soft power*? É a capacidade de obter o que deseja por meio de atração, em vez de coerção ou pagamentos. Isso surge da atratividade da cultura, dos ideais políticos e das políticas de um país. Quando nossas políticas são vistas como legítimas aos olhos dos outros, nosso *soft power* é aprimorado (Tradução nossa)¹.

O poder de uma nação, que antes era medida em essência por sua capacidade bélica e, por conseguinte, por sua habilidade de defender seu território ou atacar o dos outros, atualmente, segundo a visão de Nye, se baseia no seu poder de influência, seja pelo respeito político que impõe, seja pelo fascínio de sua cultura. Daí a ideia de “poder brando” (*soft power*), uma vez que ele não é concreto, nem quantificado de modo fácil, mas elaborado e manifesto de maneira bem sutil.

Já Duroselle (2000) acredita que, para entender a evolução das nações e das suas relações de poder, devem-se observar regularidades, regras temporárias e receitas, uma vez que “a regularidade é a existência de uma longa série de semelhanças que parecem transcender as épocas e, conseqüentemente, ser ligadas à própria natureza do *homo sapiens*”². Assim, para se compreender a influência dos países e o papel que eles desempenham no cenário interna-

1 NYE, Joseph S. *Soft Power: The Means to Success in World Politics*. New York: PUBLIC Affairs, 2004, p. X.

“What is soft power? It is the ability to get what you want through attraction rather than coercion or payments. It arises from the attractiveness of a country’s culture, political ideals, and policies. When our policies are seen as legitimate in the eyes of others, our soft power is enhanced”.

2 DUROSELLE, Jean-Baptiste. *Todo império perecerá: Teoria das relações internacionais*. Tradução de Ane Lize Spaltemberg de Siqueira Magalhães, Brasília: Universidade de Brasília, 2000. p. 358.

cional, é necessária a observação das regularidades e das repetições de seus comportamentos e de que maneira sua cultura e política são percebidas e acolhidas por outras nações.

Para a análise desses conceitos no cenário esportivo, ainda se conta com a teoria de Bourdieu (1983), em seu capítulo “Como é possível ser esportivo”. Apesar de o pesquisador francês ser sociólogo e não ter nenhum envolvimento direto com o tema, ele se dispõe a pensar o uso social do esporte, ao afirmar que seu deslocamento da área pode ser interessante, dado que se oferece a colocar questões que pessoas mais familiarizadas com o assunto acreditam já ter a resposta. Ele explica que as regras dos jogos e das atividades esportivas são criadas por uma elite que tem poder sobre a população. Tais regras também podem ser vistas como normas de conduta, que espelham as normas sociais vigentes e criam uma idealização de comportamento não só dentro da prática esportiva, mas também em sociedade³.

Nesse contexto, tomou-se como objetivo geral mostrar de que modo o esporte e os megaeventos esportivos têm acontecido dentro da sociedade capitalista contemporânea e o uso dessas instituições pelos países e por grandes corporações como aparato no trato internacional. Para se alcançar essa compreensão, foram adotados os seguintes objetivos específicos: salientar como o esporte pode ser usado socialmente não apenas como fonte de lazer e de direito social, mas também como modelo de conduta e instrumento de domínio por uma elite e como os megaeventos esportivos se transformaram e passaram a ser usados pelos países sede como um espelho de si para o mundo e, por consequência, como ferramenta para melhoria de sua imagem.

Esta pesquisa partiu de uma averiguação bibliográfica e insere-se numa abordagem qualitativa, que permitiu analisar as perspectivas atuais de diversos pesquisadores, com opção por dois deles, em função dos aspectos por eles abordados e dos conceitos por eles propostos. Ressalta-se não haver intenção de esgotar o tema, porém de contribuir para os debates acerca do esporte e dos seus megaeventos e sua função nas relações entre os países dentro de um contexto capitalista de domínio e poder.

3 BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo. In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 136-153.

Relações entre o esporte e os meios sociais de dominação

Ao continuar com a perspectiva de Bourdieu, de que o esporte é fonte de regras de comportamento e de apresentação de um modo correto de proceder, Vasconcelos (2008), em seu livro “Esporte, poder e relações internacionais”, explica:

O desporto constitui admirável reservatório de energia para a lide com idiossincrasias humanas e sociais, sejam recônditas ou ostensivas, e toda sua grandiosidade decorre do culto de obediência às regras do jogo. O ânimo abastecido pelo esporte conduz ao cultivo de um comportamento ético e ao envoltório de um clima próspero de cultura, atitude que parece resumida numa expressão comum a qualquer jogo, inclusive o jogo político, *fair play*⁴.

Assim, por meio das regras do jogo, cria-se um controle sobre o que é aceitável e justo (*fair*). É como se as questões complexas, polêmicas e dúbias que permeiam as disputas de forma geral pudessem ser, assim como os desportos, definidas pelos conceitos de certo e errado, do que se pode ou não se pode fazer, separando facilmente vencedores de perdedores, bons jogadores e trapaceiros. Polley (1998), em *Moving the Goalposts*, observa que a interferência do Estado no esporte e seu uso com fins políticos tem se acentuado no pós-Segunda Guerra Mundial. O controle de situações indesejadas e a indicação de rumos em consonância com a ideologia política dominante têm se intensificado:

Mas outras tendências menos agradáveis estavam também a ser observadas por planejadores que ajudaram a estabelecer razões para uma intervenção estruturada. O mais óbvio era um problema crescente da juventude, associado a partir de meados dos anos 50 com Teds, e mais tarde com Mods e Rockers, que os comentaristas ligavam não só a elevados níveis de tempo livre e rendimento disponível entre os jovens do sexo masculino, mas também ao fim do alistamento, que foi reduzido a partir

4 VASCONCELLOS, Douglas Wanderley de. Esporte, poder e relações internacionais. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008, p. 259.

de 1957. Neste contexto, sentiu-se uma necessidade premente de o desporto estar mais amplamente disponível, apoiando-se em leituras funcionalistas do desporto como meio de controle social, socialização, coesão e disciplina⁵ (Tradução nossa).

Além disso, ainda a partir da análise feita por Bourdieu, o esporte é instrumento de separação: ele se opõe ao fazer artístico para marcar a virilidade, por exemplo, e tem regras criadas por uma aristocracia, o que marca a ‘docilização’ e a delimitação do que pode se considerar amador e profissional. Essas regras, ainda, impõem lutas pela definição do corpo legítimo e do seu uso considerado legítimo, esportes da massa e esportes de elite.⁶ Essas separações podem ser observadas já na origem da prática esportiva:

No final do século XIX a burguesia era formada por sociedades fechadas, à medida que alguns círculos eram consideravelmente “mais iguais que outros”, mas educacionalmente abertas, em virtude da entrada ser possível através do dinheiro (bolsas de estudo). A exclusividade era puramente social, o esporte e a educação eram meios de manter relações entre as famílias e até uma forma de arranjar casamentos entre seus membros. O *sportman* (verdadeiro esportista) se tornou sinônimo de *gentleman* e o cavalheirismo e o ideal de “levar na esportiva”, primando pela cortesia, lealdade e educação, tomaram conta do comportamento socialmente aceitável do período. Um forte exemplo desse fato mostra-se na atitude tomada, no final do século XVIII, por muitos *gentlemen* ao incorporarem atividades esportivas nos seus clubes, sem apostas e regulamentadas, nem tanto por regras rígidas, mas sim pelo componente do *fair-play*⁷.

Entretanto, apesar de poder ser entendido como instrumento de poder e de dominação, a visão mais difundida que se tem do esporte é de prática de acesso também popular. No Brasil, por exemplo, é costumeiro mencionar-se sobre futebol e sobre o desempenho de jogadores, de técnicos e de dirigentes em rodas sociais de vizinhos ou de colegas de trabalhos ou com amigos ou com a família sem ser questionado sobre a autoridade quanto ao conhecimento científico ou acadêmico a respeito dos assuntos tratados. Conversar

5 POLLEY, Martin. *Moving the Goalposts – A history of sport and society since 1945*. Routledge London and New York, 2003, p. 18.

6 BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo, op. cit., p. 136-153.

7 TERRA, Vinicius; PIZANI, Rafael. Esporte moderno e educação burguesa: imagens do caráter esportivo no filme *Carruagens de Fogo*. *Recorde: Revista de História do Esporte.*, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.8-9, jun. 2009.

sobre esporte a partir de um olhar de torcedor/observador é uma prática tão disseminada e aparentemente tão natural na sociedade que nem sequer é questionada no cotidiano.

A prática desportiva informal e a ausência de conhecimento teórico sobre as modalidades, aliadas à paixão no dia a dia de torcedor, facilitam a aproximação do indivíduo dos eventos esportivos e essa suposta e inquestionada autoridade para abordar todas as modalidades. Aqui, é possível retomar Nye e Duroselle, ao se pensar o *soft power* dos eventos esportivos e como a frequência desses acontecimentos mantém essa influência sutil – poder brando – sobre as pessoas.

O poder do esporte e, por sua vez, da elite e dos mecanismos que têm influência sobre ele (como governos, mídia e até o próprio sistema político-econômico) advém dessa sensação de popularidade por ele emanada. O esporte une uma comunidade e permite que as pessoas se sintam parte e importantes até mesmo para opinar sobre aspectos cotidianos⁸. A partir disso, a população o entende como lazer e como direito, de forma que dificilmente se possa pensá-lo como objeto de manipulação em massa, seja pelas regras que sutilmente definem uma maneira de agir numa sociedade competitiva, seja pelos eventos que movimentam emoções e distraem torcedores de contextos sociais e políticos imediatos.

Um exemplo disso em âmbito menor são as associações esportivas das cidades e como elas se desenvolvem ao longo do tempo. Tais associações têm a função social de organizar as práticas esportivas e de fornecer à população em geral a possibilidade de acesso social através do esporte. Collins (2013), em *Sport in Capitalist Society – a short history*, relata:

Os clubes desportivos surgiram principalmente após a comercialização do Esporte no século XVIII. Isto pode ser visto mais claramente nos monumentais Clubes e Sociedades Britânicas 1580-1800 de Peter Clark, nos quais o desporto está quase inteiramente ausente dos interesses do enorme número de clubes e associações formados antes do século XIX. Foi apenas em meados do século XIX que os clubes desportivos se tornaram onipresentes, como parte de uma nova onda de redes sociais e

8 FERREIRA, Lúcio; BARROS, João Luiz; BRUZI, Alessandro Teodoro; FREUDENHEIM, Andrea Michele. Direitos Humanos, Esporte e Educação Física: desafios e perspectivas. *Revista Brasileira de Educação Física Esporte*, São Paulo, v.35(3), p.114, jul-set 2021.

recreativas urbanas de classe média masculina. O exemplo dos EUA é também instrutivo. Com exceção das corridas de cavalos, havia pouco desporto organizado praticado na América antes da explosão do entretenimento comercial no século XIX, apesar da existência de uma cultura associativa de classe média generalizada⁹ (Tradução nossa).

No Brasil, Silva e Mazo se debruçaram sobre este tema - “Uma história das instrumentalidades do esporte no campo do associativismo esportivo em Porto Alegre/RS” – da seguinte forma:

O associativismo esportivo se constitui não apenas em um meio para o desenvolvimento do esporte, mas é parte da construção do conceito de esporte e uma ferramenta para a instrumentalização do esporte, para se chegar a fins externos à prática, propiciando modificação social¹⁰.

Porém, como acontece com muitas instituições no sistema capitalista, as associações passaram também a ser instrumentalizadas e terem seu foco principal desviado:

Historicamente, as associações configuraram-se nos principais espaços onde os esportes são desenvolvidos. Entretanto, para a instauração de uma associação esportiva é necessário que existam objetivos a serem alcançados, os quais podem ser externos e internos à prática esportiva. Nesta perspectiva, as associações esportivas tornam-se meios para se chegar a um fim. Assim, desde sua fundação e ao longo de sua trajetória as associações esportivas apresentaram mais de um objetivo, servindo de espaços para a instrumentalização intrínseca e/ou extrínseca do esporte¹¹.

A ponderação das pesquisadoras demonstra o deslocamento dos objetivos iniciais das associações e dos eventos desportivos. Apesar dessa relação íntima e

9 COLLINS, Tony. *Sport in Capitalist Society – A short history*. Routledge London and New York, 2013, p. 10-11.

10 SILVA, Carolina Fernandes da; MAZO, Janice Zarpellon. Uma história das instrumentalidades do esporte no campo do associativismo esportivo em Porto Alegre/RS. *Movimento*, Porto Alegre, v. 21, n. 2., p. 377-389, abr./jun. de 2015, p. 386.

11 SILVA, Carolina Fernandes da; MAZO, Janice Zarpellon. Uma história das instrumentalidades do esporte no campo do associativismo esportivo em Porto Alegre/RS, op. cit., p. 378.

importante com o público, as práticas esportivas e os campeonatos vão além da esfera imediata e adquirem importância e dever nas demais esferas como a política e a econômica. Dessa forma, as associações, que deviam cumprir sua função social de acesso à sociedade, reforçam o papel separador do esporte colocado por Bourdieu, como também explicam Marchi Júnior e Bueno:

Outra crítica versa sobre o campo esportivo retraduzir as distâncias sociais. Pela ótica de Bourdieu, o esporte reifica e veicula códigos de distanciamento que reforçam por meio de uma série de atributos e preceitos considerados legítimos e ilegítimos, superiores e inferiores, pertencentes a uma elite restrita ou então a uma massa heterogênea identificada comumente com aquilo que se entende por popular¹².

É possível, então, pensar o esporte como fenômeno social que estabelece uma forma de controle sobre valores e sobre regras. No entanto, por estar inserido num contexto comercial, também está sujeito aos interesses mais amplos do mercado, que é, no fim das contas, quem vai definir valores e regras, ainda que leve em conta o modo de pensar e agir dos torcedores/espectadores de cada modalidade esportiva.

A evolução do esporte ao longo da história

A fim de se discutir a regulamentação do esporte e sua evolução até os megaventos contemporâneos, entende-se que seja importante construir um panorama histórico. Afinal, como afirma Goellner:

Ainda que o esporte tenha adquirido centralidade na vida moderna, ele não é invenção do presente. Resulta de conceitos e práticas há muito estruturadas no pensamento ocidental cujos significados foram e são alterados não só no tempo, mas também no local onde aconteceram e acontecem¹³.

Booth (2006), em *Deconstructing Sport History – A Postmodern Analysis* observa de modo acurado:

12 BUENO, Igor Alexandre Silva; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Conceitos fundamentais para leitura do campo esportivo pela perspectiva teórica *bourdieusiana*. *Rev. Sociologias Plurais*, v. 6, n. 1, p. 8-28, jan. 2020, p. 26.

13 GOELLNER, Silvana Vilodre. Locais da memória: histórias do esporte moderno. *Arquivos em Movimento*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, jul-dez/2005, p. 80.

Os historiadores discordam sobre muito: os objetivos da História, o significado dos fatos, a construção dos fatos, os métodos de procedimento, o papel da teoria, a base da teoria, a forma de apresentação. Mas também concordam que a História é uma disciplina baseada na evidência e que a evidência impõe limites à interpretação. Os acordos e desacordos filosóficos e epistemológicos dentro da história do desporto são examinados abaixo utilizando os três modelos de investigação histórica de Munslow. A história do Esporte apoia reconstrucionistas, construcionistas e um número menor de desconstrucionistas; cada grupo concebe a história em torno de um conjunto diferente de objetivos, epistemologia e modo de apresentação¹⁴ (Tradução nossa).

Para construir nossa linha do tempo, baseia-se o artigo em Rocco Jr, “Gestão do esporte no Brasil e no mundo: evolução histórica, organizações e perspectivas”. A princípio, é interessante entender como a atividade física costumava se transformou em prática esportiva regular. Collins (2013) registra que:

Jogos foram desenvolvidos a partir do esforço da humanidade para dominar a natureza e sustentar a vida. As competições de lançamento surgiram da caça de animais ou da necessidade de repelir os inimigos. As corridas evoluíram da localização de animais ou da manutenção das comunicações entre os povoados. Os jogos de combate derivaram de habilidades militares. Muitas vezes, a linha divisória entre trabalho e lazer era pouco clara e, por vezes, inexistente. Para a maioria das pessoas, ao longo da maior parte da história humana, a vida era trabalho e o trabalho era vida. Os jogos aconteciam quando esta relação era temporariamente suspensa, por exemplo, após a conclusão de uma colheita, e o prazer podia ter precedência sobre a necessidade¹⁵ (Tradução nossa).

Segundo o nosso artigo-base, a sistematização do esporte como tal começou na Grã-Bretanha nos séculos dezoito e dezenove, nas *public schools*, que são instituições particulares, apesar do nome, desde a Revolução Industrial. Compreendia-se que era necessária a “regulamentação” dessas atividades, para que a falta de ordem e de desorganização dessas práticas não resultasse em atitudes violentas que provocassem distúrbios nos conglomerados urba-

¹⁴ BOOTH, Douglas. Sport Historian, in Deconstructing sport history: a postmodern analysis, State University of New York Press, 2006, p. 28.

¹⁵ COLLINS, Tony. Sport in Capitalism Society – A Short History, op. cit., p. 1.

nos que começavam a se formar em volta das indústrias daquele período”¹⁶. Afinal, a imposição de novas regras pactua com o conceito que se tem de escola, que cuida da “educação do corpo e do espírito dos jovens de forma a despertar lideranças e a personificar, em carne e osso, os ideais representativos de um grupo social específico”¹⁷.

Rocco Jr. cita ainda autores para explicar os benefícios da evolução do esporte “tradicional e primitivo”, conceito adotado por Giulianotti (1999), para o “moderno”, de Elias e Dunning (1995). A criação das regras, segundo estes, deu origem ao controle da tensão e à cooperação entre as equipes adversárias; de acordo com aquele, a regulamentação permitiu a organização de torneios esportivos, primeiro entre escolas e futuramente entre nações¹⁸.

A partir da regulamentação do esporte, surgiram os clubes e as associações que seriam as instituições responsáveis por torneios e por padronização das regras. A britânica *Football Association* (FA), por exemplo, “tornou-se o organismo a que todos os clubes e instituições menores se filiaram” e “o esporte passou a funcionar como um elemento de identificação comunitária e alcançar um apelo popular jamais imaginado até aquele momento”¹⁹.

Desta maneira, passaram a nascer federações e associações cada vez maiores e de escopo mais abrangentes como a Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA), em 1904. Em 1892, foi criado o Comitê Olímpico Internacional (COI) e, em 1896, foi realizada a primeira edição dos jogos olímpicos em Atenas (Grécia). Esta competição internacional deu outra medida aos futuros torneios: antes realizados entre clubes, agora ocorriam entre países. Dessarte, brota a correlação entre esporte e nacionalismo, principalmente no período da Guerra Fria (1947-1991), assinalada por incisiva rivalidade entre Estados Unidos e União Soviética ou capitalismo e comunismo²⁰.

16 ROCCO JR, Ary José. Gestão do esporte no Brasil e no mundo: evolução histórica, organizações e perspectivas. Revista do Centro de Pesquisa e Formação, São Paulo, n. 13, dez/2021, p. 180.

17 GOELLNER, Silvana Vilodre. Locais da memória: histórias do esporte moderno, op. cit., p. 81.

18 ROCCO JR, Ary José. Gestão do esporte no Brasil e no mundo: evolução histórica, organizações e perspectivas, op. cit., p. 180.

19 ROCCO JR, Ary José. Gestão do esporte no Brasil e no mundo: evolução histórica, organizações e perspectivas, op. cit., p. 181.

20 ROCCO JR, Ary José. Gestão do esporte no Brasil e no mundo: evolução histórica, organizações e perspectivas, op. cit., p. 180-182.

O fim da Guerra Fria e o crescimento comercial da Internet possibilitaram uma visão mais intensa do mundo. Desse modo, esporte e produtos e serviços dele originários transformaram-se em “em produto de mercado, objeto das estratégias comerciais de marcas esportivas globais ou marcas que passaram a utilizá-lo como mídia para seus produtos e serviços”.²¹ Um exemplo disso é o programa oficial de patrocínio, *The Olympic Partner Programme* (TOP), criado em 1984, pelo Comitê Olímpico Internacional (COI): “De acordo com o COI (2014), o programa tinha o propósito de desenvolver uma base de receita diversificada para os Jogos Olímpicos e estabelecer longas parcerias com as empresas interessadas em patrocinar os Jogos Olímpicos”²².

Na década de 1990, a capitalização do setor esportivo passaria a exigir desta área uma organização mais bem disposta de mercado, ao chamar a atenção para a Gestão do Esporte e ao introduzir nesse campo conceitos como eficiência, eficácia e performance organizacional: “os Jogos Olímpicos de Barcelona, na Espanha, em 1992, logo depois da queda do Muro de Berlim, foram o primeiro da história a admitir atletas profissionais”²³. O esporte e os torneios, agora compostos de profissionais, ganhariam uma distância do público torcedor e o atleta passaria a adquirir status, ao menos provisório, de herói. Gollner e Ehrenberg, explicitam a formação do novo esportista:

Poderíamos pensar na própria promoção do espaço esportivo como um terreno de virtuosas visibilidades visto que em torno do esporte, em especial de alto rendimento, há a construção de representações que associam seus protagonistas a figuras heroicas que, mediante intenso esforço pessoal, conquistaram um lugar ao sol num mundo pleno de adversidades. O esporte opera também, ao nível do imaginário individual e coletivo quando é representado como promessa de felicidade, ascensão social, marketing pessoal, domínio tecnológico, reconhecimento nacional e afirmação política de determinado país ou ideologia.²⁴ A nova mitologia do esportista (...) forja o indivíduo, um indivíduo heroico que assume riscos, em vez de buscar proteger-se deles por meio das instituições do Estado-providência; que busca agir sobre si mesmo, em vez de comandado

21 ROCCO JR, Ary José. Gestão do esporte no Brasil e no mundo: evolução histórica, organizações e perspectivas, op. cit., p. 179.

22 ROCCO JR, Ary José. Gestão do esporte no Brasil e no mundo: evolução histórica, organizações e perspectivas, op. cit., p. 184.

23 ROCCO JR, Ary José. Gestão do esporte no Brasil e no mundo: evolução histórica, organizações e perspectivas, op. cit., p. 180, 184.

24 GOELLNER, Silvana Vilodre. Locais da memória: histórias do esporte moderno, op. cit., p. 81.

por outros. (...) O esporte define a imagem do indivíduo ideal: um indivíduo puro, sem raízes e sem passado, que não se refere a nada, a não ser a si mesmo²⁵.

O *self-made man* do mundo capitalista, ou seja, o trabalhador que com o seu próprio esforço e sem a ajuda do Estado ou de outrem constrói seu próprio império e supera os desafios impostos a ele, é refletido na figura do atleta profissional, que treina e vence as competições apenas por seus próprios méritos. Outrossim, o herói capitalista agora pode ser observado no esportista profissional.

Além de contribuir para a profissionalização da área, a mercantilização ou a comercialização do esporte adentrou os critérios de organização de campeonatos. Um exemplo disso é a Copa dos Campeões da Europa de Futebol Masculino, que, antes, era formada pelos campeões nacionais de cada um dos países do continente e, em 1992, passou a ser Liga dos Campeões da Europa, “em que países economicamente mais representativos passaram a contar, nas fases mais importantes da competição, com um maior número de participantes”²⁶.

A capitalização do esporte continuou a evoluir e já é possível observar a formação dos grandes conglomerados esportivos, como a empresa de bebidas energéticas *Red Bull*, que hoje é proprietária de equipes de hóquei, de jogos eletrônicos, de futebol, de fórmula 1 etc. de países diversos. Segundo Dickson e Santos (2017), citado por Rocco Jr, esse tipo de *holding* é “a manifestação final da globalização do esporte”²⁷. Afirmar-se-ia que também de sua mercantilização.

Antes de alterar a estrutura das equipes esportivas, a globalização, a mercantilização do esporte e os avanços tecnológicos modificaram a forma de como o público usufrui dos jogos e dos torneios. O avanço dos meios de comunicação transformou bastante o esporte, ao registrar o nascimento de canais de TV por assinatura dedicados a ele de modo integral, isto é, vinte e quatro horas²⁸.

25 EHRENBURG, Alain. O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa. São Paulo: Ideias & Letras, 2010, p. 25.

26 ROCCO JR, Ary José. Gestão do esporte no Brasil e no mundo: evolução histórica, organizações e perspectivas, op. cit., p. 185.

27 ROCCO JR, Ary José. Gestão do esporte no Brasil e no mundo: evolução histórica, organizações e perspectivas, op. cit., p. 193.

28 ROCCO JR, Ary José. Gestão do esporte no Brasil e no mundo: evolução histórica, organizações e perspectivas, op. cit., p. 185.

Atualmente, o consumidor mais jovem pode aceder o *streaming* e a “segunda tela” (*second screen*), “que se refere a um dispositivo eletrônico adicional (como um *smartphone*), além da televisão, por exemplo, que permite ao consumidor interagir com o conteúdo que está consumindo, como esportes, filmes, música ou jogos eletrônicos”²⁹. Ao ir mais adiante, há a possibilidade de acompanhar jogos por essa modalidade interativa de sorte que os fãs do esporte, sobretudo os do futebol, são largos consumidores de vídeo games e de jogos eletrônicos, ao escolher seus times e jogadores preferidos na disputa de uma partida³⁰.

A indústria do esporte passa, então, a se constituir globalmente; ela e a atividade física passam a ser enxergadas como entretenimento e como consumo, de forma que o acesso a elas se dá de acordo com a situação financeira de seus praticantes, “agora alçados à condição de consumidores”³¹.

O esporte e seu contexto capitalista

É importante salientar que assim como o esporte define regras e sugere modos de conduta ao ter ascendência sobre o contexto e as pessoas que nele se inserem, ele é também, por seu turno, influenciado pelo meio em que está encaixado. Ao serem transformadas em megaeventos, as competições esportivas passariam a inspirar número maior de pessoas e se tornariam espelhos de contextos e de relações de dominação e de poder mais sofisticados. Como ressalta Collins (2013):

A importância de Murdoch para o desporto televisivo foi o exemplo mais proeminente da mudança ascendente na popularidade, alcance e estrutura a que o desporto foi submetido nas décadas do final do século XX. Tal como nos finais dos anos 1890, 1920 e 1950, esta mudança foi impulsionada por um mercado em crescimento e novos avanços na tecnologia dos media. E ela foi beneficiada por um clima ideológico em que a competição e o nacionalismo inerentes ao desporto encontraram uma nova alavanca. No início do século XXI, o valor do desporto podia ser medido em dezenas de bilhões de dólares, a sua popularidade era

29 JENKINS, Henry. Cultura da Convergência. São Paulo: Aleph, 2008 *apud* ROCCO JR, Ary José. Gestão do esporte no Brasil e no mundo: evolução histórica, organizações e perspectivas, op. cit., p. 190.

30 ROCCO JR, Ary José. Gestão do esporte no Brasil e no mundo: evolução histórica, organizações e perspectivas, op. cit., p. 192.

31 ROCCO JR, Ary José. Gestão do esporte no Brasil e no mundo: evolução histórica, organizações e perspectivas, op. cit., p. 185-187.

verdadeiramente global e mais uma vez oferecia uma metáfora para a vida num mundo em que o mercado capitalista reinava supremo³² (Tradução nossa).

Para desenvolver tal afirmação, abordam-se os tradicionais jogos olímpicos e outros megaeventos desportivos como referências de elevado alcance à sociedade global, conforme se manifesta:

Não cabe aqui discutir um possível juízo de valor sobre a legitimidade social da metamorfose dos Jogos (Olímpicos), nem avaliar se são mais ou menos democráticos do que no início, muito menos se perderam sua “essência” genética. Ao afirmar que a adoção de uma lógica empresarial corrompeu o ideário olímpico surgido em um contexto sociocultural determinado, pretende-se sugerir que tal ideário não tem mais aderência na sociedade contemporânea. E que a renovação das tradições olímpicas exigiu que se reformulasse o discurso oficial, ou melhor, que fosse renovado o ideário veiculado e legitimado pela mídia, embora exista uma distância considerável entre discurso e prática (...) a cada vez que se elabora um projeto de marketing, que se definem novas diretrizes de organização e financiamento do evento, que se procura preservar a imagem do Olimpismo na opinião pública mundial. Ao que parece, uma coisa é certa: a “reinvenção” dos Jogos Olímpicos continuará nas próximas décadas³³.

Portanto, os jogos olímpicos, assim como vários eventos esportivos, não se bastam pela simples prática esportiva, pelo encontro de milhares de atletas, nem pela competição em si, mas acontecem dentro de um cenário capitalista, isto é, e mercantil, ao movimentar o capital de grandes empresas, os meios de comunicação e a economia dos países envolvidos. Dessa maneira, assim como um contexto capitalista explora e influência até mesmo as relações de poder que acontecem dentro de uma sociedade, ele também usufrui dessas grandes competições para a geração de lucro e até mesmo as molda e condiciona conforme as necessidades do mercado e do capital. É importante salientar que essa movimentação de riqueza se dá não apenas no âmbito privado, mas também no público, como aponta Vasconcelos:

32 COLLINS, Tony. *Sport in Capitalism Society – A Short History*, op. cit., p. 120.

33 PRONI, Marcelo. A Reinvenção dos Jogos Olímpicos: um projeto de marketing. *Esporte e Sociedade*, Rio de Janeiro, n.9 (3), jul.2008/out.2008, p.33-34.

A relevância das manifestações esportivas transpõe mais claramente a área do lúdico, repercutindo em segmentos conexos, mais complexos e práticos, que permitem multifacetar o esporte como, por exemplo, seu setor industrial provedor de bens e serviços e gerador de empregos, propulsor de turismo e instrumento difusor de marketing internacional³⁴.

Aliás, essa movimentação econômica dentro das nações é que muitas vezes justifica a escolha para sediar megaeventos tais como copas do mundo de futebol e olimpíadas, de sorte que até mesmo as razões que justificam as grandes competições ocorrerem já não bastam nas disputas ou nos direitos ao esporte e ao lazer, porém nos lucros gerados pelas empresas envolvidas e na intensa movimentação da economia dos países participantes.

Por isso, contabilizam-se a importância e a movimentação econômica desses eventos dentro do país ou da cidade onde são sediados, por exemplo. Entretanto, como afirma o mesmo pesquisador, a movimentação monetária daqueles que organizam e cuidam desses torneios e das competições é dificilmente rastreada e não se tem um valor oficial do total dos lucros estimados:

Porque são esparsas, escamoteadas ou escondidas as estatísticas sobre o segmento esportivo internacional, torna-se difícil contabilizar precisamente a movimentação total da indústria do esporte, que multiplica valores em ritmo exponencial. Se, por exemplo, o anúncio mais caro de televisão já era o veiculado nas transmissões do Super Bowl do futebol dos EUA, que custava, em 1988, US\$ 650 mil por 30 segundos, no ano 2001, o mesmo comercial valia US\$ 2,3 milhões³⁵.

Ao retornar à reflexão a respeito dos jogos olímpicos, depara-se com a afirmação de Lima, Martins e Capraro, de que se trata de tradição inventada, ao se basear em “A Invenção das Tradições” de Hobsbawm e Ranger (1997, p. 9), para explicar a expressão, que seria um conjunto de práticas rituais ou simbólicas que, por sua vez, geram valores e normas de conduta por meio da repetição. Esta, por conseguinte, evoca o passado e estabelece uma ideia de

34 VASCONCELLOS, Douglas Wanderley de. Esporte, poder e relações internacionais, op. cit., p. 261.

35 VASCONCELLOS, Douglas Wanderley de. Esporte, poder e relações internacionais, op. cit., p. 270.

continuidade.³⁶ Para que a tradição se cristalice como tal, é fundamental que ela se repita; assim, como seu início, isto é imposto por uma classe dominante, ou seja, ela não é espontânea. Logo, segundo eles:

Todos os símbolos associados às Olimpíadas Modernas fazem parte de um conjunto de tradições inventadas e estas tendem a persistir. Assim, é possível afirmar que houve uma espécie de equilíbrio entre modernidade e tradição, considerando que as sociedades ditas 'tradicionais' mantêm elementos como a família, a religião, a língua e o trabalho. Nesse sentido, essa ascensão retrata uma proposital exaltação da antiguidade numa alusão de continuidade acerca dos antigos jogos. Por outro lado, o seu declínio favoreceu o esquecimento dos rituais sagrados, substituídos por rituais pomposos e espetacularizados, como os observados nas Olimpíadas Modernas³⁷.

Trata-se, pois, de uma adaptação do que se entende da tradição antiga. Tanto a modernidade na adaptação quanto a alusão à tradição são significativas na caracterização do que são as olimpíadas. Esse balanço repetitivo entre moderno e clássico que dá importância e visibilidade ao evento. Como já observado por Duroselle, essa retomada e frequência são muito importantes na análise da conjuntura e no entendimento do papel do esporte e dos megaeventos na contemporaneidade.

O esporte e a cidade sede

Tal como os novos jogos olímpicos se moldaram na contemporaneidade, ao adaptar conceitos e práticas dos antigos jogos helênicos, também as cidades-sedes precisa se adaptar para recebê-los. Para isso, é preciso investir em infraestrutura para acolher tanto atletas quanto torcidas, ou seja, são necessários investimentos tanto em ginásios e em quadras onde acontecerão as disputas quanto em transporte e em hotéis, por exemplo, para receber número cada vez maior de visitantes. Questiona-se se esse tipo de gasto valeria a pena para a população local, que muitas vezes desconfia das supostas vantagens alardeadas em sediar eventos de grande porte:

³⁶ LIMA, Mariza Antunes de; MARTINS, Clóvis J.; CAPRARO, André Mendes. Olimpíadas modernas: a história de uma tradição inventada. *Pensar a prática*, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 1-11, jan./abr. 2009, p. 2.

³⁷ LIMA, Mariza Antunes de; MARTINS, Clóvis J.; CAPRARO, André Mendes. Olimpíadas modernas: a história de uma tradição inventada, op. cit., p. 8.

As cidades aspirantes à sede dos Jogos utilizam como argumento os benefícios para a população local e, se não existem cidades já estruturadas para receber um evento deste porte, é fato que precisarão de adequação aos padrões exigidos. Isso representa para a cidade, em um curto espaço de tempo, a previsão das intervenções necessárias, bem como da captação de recursos para esse fim. Como os Jogos Olímpicos em si duram apenas alguns dias, é preciso considerar que os recursos sejam alocados em intervenções de grande relevância e com antevisão de seu aproveitamento no futuro³⁸.

Eis a grande questão: o investimento a longo prazo é muito caro para um evento que dura poucos dias. Raramente, encontra-se um lugar com a infraestrutura preparada o suficiente para esse tipo de acontecimento, de sorte que as cidades que o abrigam devem construir ou reformar ginásios, hotéis, piscinas, pistas etc., São edificações ou equipamentos que dificilmente poderão ser aproveitadas de modo pleno pela população local. Assim, muito dinheiro é investido para usufruto de visitantes em curto espaço de tempo e sobra para a cidade lidar com a nova infraestrutura que foi dispendiosa e não se encaixaria no seu dia a dia. A urbanista Ellayne Paiva, reforça o impasse, ao expressar que “uma das maiores ‘imprudências urbanísticas’ que poderia acontecer seria a utilização das Olimpíadas para grandes intervenções urbanas”.³⁹ Então por que cidades insistem em sediar os jogos olímpicos? Ela salienta um tema importante, que pesa na decisão de um país que escolhe ter uma cidade sede, apesar de não concordar que seja um motivo bom o suficiente para um investimento deste porte:

A realização de um evento de tamanha proporção implica – ou deveria implicar – a necessidade de uma reflexão crítica sobre os reais ganhos de tais eventos à longo prazo e não somente utilizar o ‘valor do legado olímpico’ para justificar o gasto de cifras estratosféricas⁴⁰.

Países decidem sediar as olimpíadas e investir muito dinheiro em uma infraestrutura que não traz benefícios diretos à população por causa do legado esportivo, ou seja, entende este momento como oportunidade de se mostrar

38 PAIVA, Ellayne Kelly Gama de. A cidade para o cidadão: O legado urbano dos Jogos Olímpicos. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2013, p. 21.

39 PAIVA, Ellayne Kelly Gama de. A cidade para o cidadão: O legado urbano dos Jogos Olímpicos, op. cit., p. 323.

40 PAIVA, Ellayne Kelly Gama de. A cidade para o cidadão: O legado urbano dos Jogos Olímpicos, op. cit., p. 23.

internacionalmente, apesar dos dispêndios de que isso tem para o povo. A afirmação de Paiva retoma momentos importantes da história mundial que foram atravessados pelas olimpíadas, ao dar a algumas nações a possibilidade de usar o valor da herança política para melhorar ou reforçar sua imagem diante do mundo. Trata-se de um poderoso instrumento de *soft power*, como elucidam Silva e Cavalcanti:

Demonstrou-se que a partir dos megaeventos realizados, os países conseguem apresentar ao mundo as possibilidades de paz e crescimento econômico, ao gerar trocas de investimentos que favorecem a infraestrutura interna e, principalmente, mitigam os conflitos potencialmente gerados por fatores adversos. Além do mais, a indústria esportiva tem demonstrado expressivo crescimento nas últimas décadas, decorrente da necessidade de capitalização na economia. Percebeu-se, a partir de então, que o esporte, impulsionado pela realização de megaeventos é capaz de contribuir positivamente na construção de uma comunidade imaginada, pois sua amplitude abrange números suficientes de torcedores que consegue formar comunidades com um objetivo único, unir-se pelo forte laço invisível que os envolvem. Restou claro, que a diplomacia esportiva tem sua grande importância na projeção de poder por meio do *soft power*⁴¹.

Portanto, além de seu poder comercial, os megaeventos apresentam essa vitrine sutil para o mundo da propaganda de ser sede de significativo acontecimento. A diplomacia do esporte pode confundir-se com a maneira como a nação sede se apresenta e utiliza isso como vantagem nas relações internacionais. Um exemplo lamentável são os jogos olímpicos de Berlim na época da Alemanha nazista, como apontado por Carneiro:

Muito se falou e ainda se fala sobre a intensa propaganda utilizada naqueles jogos, sem, entretanto, considerar que, por mais eficaz que sejam as estratégias de propaganda, estas têm seus efeitos limitados, caso não haja um substrato simbólico que a sustente e que desfrute de valoração positiva marcada por discursos edificantes. Para Cornelsen, o que garantiu ao projeto nazista eficácia em termos de propaganda foi poder contar com um mercado simbólico, explorando-o à exaustão.

41 SILVA, Thalita Franciely de Melo; CAVALCANTI, Renan Tenório. O esporte como instrumento de diplomacia no cenário internacional. RICRI, v. 8, n. 16, p. 130-145, 2021, p. 143.

O sucesso seria, então, uma consequência do que ele chama de ‘estratégias de marketing político’. Eu arriscaria acrescentar que esse marketing político dialogou diretamente com elementos do programa cultural. Uma vez que as atividades artísticas e culturais realizadas naquela conjuntura ultrapassaram a mera condição de produto/mercadoria e se constituíram, portanto, como ‘produtos culturais’ – inclusive o filme Olympia –, porque afetaram o campo das ideias, da expressão e, sobretudo, geraram significados. O andamento da minha pesquisa sobre o tema vai consolidando uma convicção de que a ‘centralidade da cultura’ é uma escolha política, inclusive. Portanto, analisar ou refletir sobre programas culturais olímpicos requer um olhar mais atento para esses diálogos entre cultura e: economia, marketing, turismo, identidade, comunicação, desenvolvimento social e tantas outras esferas⁴².

Logo, para que o valor do legado político se materialize é necessário que outros aspectos confluam. Como foi explicitado antes, especificidades do país e do momento precisam estar de acordo com a imagem a ser passada por meio do megaevento, o que leva a concluir que reforçar a imagem de uma nação é mais fácil que tentar mudá-la, mesmo com instrumento tão poderoso quanto o valor do legado olímpico.

Em termos genéricos os megaeventos sempre foram utilizados como propaganda política de um país, os exemplos emblemáticos são: a) os Jogos Olímpicos de 1936 em Berlim; b) os jogos disputados no período da Guerra Fria. Findada a Guerra Fria os jogos se consolidariam como megaespetáculos do século XXI e extrapolariam os conceitos de Guy Debord sobre a *Sociedade do Espectáculo*. Neste universo que nos encontramos, em uma sociedade de capitalismo avançado que busca a civilização, mas vive suas contradições mais pungentes como a fome e o terrorismo de Estado e Religioso. O país sede, desde o anúncio do evento, ficará no foco da mídia internacional, sendo assunto recorrente no noticiário de um grande número de países que incorporaram estes espetáculos como componente cultural. Temas como o andamento das obras, segurança dos turistas, gastos, atrasos e protestos são discutidos quase diariamente. Durante o evento os olhos do mundo se voltam para o país, que além de ser ocupado

⁴² CARNEIRO, Juliana da Silva Pinto. O lugar da cultura nos Jogos Olímpicos: uma análise dos Jogos de Berlim (1936). *FuLiA / UFMG*, v. 3, n. 1, p. 154-176, jan.-abr. 2018, p. 173.

por um grande número de turistas, também atrai a imprensa internacional e seus leitores. Apesar de o foco principal ser o futebol, a audiência mundial acaba, mesmo que indiretamente, tendo contato com outros aspectos do país, e estes aspectos é que nos interessam⁴³.

São justamente estes os aspectos explorados pelos meios de comunicação e pelo governo do país sede. Na verdade, são esses pontos que realmente envolvem a realização do grande evento, desde a escolha do país onde vai ser realizado até a maneira como se lida com as reformas, as imposições e com o destaque no cenário internacional. Entretanto, será que o uso do valor do legado político funciona para que o país atinja seus objetivos? Almeida e Gutierrez, explicam que não através dos seguintes exemplos:

O megaevento oferece de fato, aos países sede, oportunidades de se ingressarem como um porta-voz político representando uma região? Apenas se o país já possui as instituições fortes e democracias representativas, pelas análises feitas aqui é falso pensar que nações como África do Sul, Rússia ou China podem reverter o olhar estrangeiro pós-evento⁴⁴.

Assim, sediar megaeventos pode ser visto como tentativa de mudar a visão do país diante do cenário mundial, porém os outros itens já elucidados podem ser mais fortes que o valor da herança olímpica. Aliás, a maneira como a nação trata o esporte e a relação que se estabelece entre ele e outros patamares sociais também é importante e poderia reforçar o valor do legado dos grandes eventos. Um exemplo é a copa do mundo quando foi sediada no Brasil. A seleção nacional era uma das favoritas e o histórico do país com o futebol atraiu a atenção do público, de forma que sua derrota por 7 a 1 para a Alemanha foi mais significativa do que seria se o evento fosse em outro país. Ao mesmo tempo, em esportes de grande movimentação financeira, como o futebol no Brasil, Itália ou Inglaterra, por exemplo, pouco se questiona a respeito dos grandes patrocínios e dos salários milionários dos jogadores.

Por causa do valor agregado, o esporte é valorizado pelas nações e cobra-se um investimento mínimo, ao mesmo tempo que se exige dos governantes

43 ALMEIDA, Marco Bettine; GUTIERREZ, Diego. O soft power do Brasil e a cobertura da mídia internacional da Copa do Mundo da Fifa 2014. *Licere*, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, jun/2018, p. 233.

44 ALMEIDA, Marco Bettine; GUTIERREZ, Diego. O soft power do Brasil e a cobertura da mídia internacional da Copa do Mundo da Fifa 2014, op. cit., p. 248-249.

investimentos mais práticos em detrimento deste como em saneamento, educação e saúde, por exemplo. A grande questão é que no Brasil a atividade política se mistura com o esporte – candidatos fazem campanha com a camisa de times de futebol, por exemplo.

Considerações finais

Esperava-se, de acordo com o objetivo geral proposto, constatar como o esporte e os grandes eventos desportivos, apesar de sua função social de união e acesso, são usados pelas grandes instituições capitalistas e governamentais como instrumentos de controle e de poder. A fim de elucidar isso, abordaram-se a mercantilização do esporte e o ambiente em que ele está envolvido, desde os campeonatos às associações que o transformam e dão acesso a eles.

Para explicar como acontecem as relações de poder dentro do esporte e como as nações usam os megaeventos na tentativa de se promoverem no cenário internacional, tratou-se da teoria sobre o *soft power*, de Nye, que explica que o grande instrumento contemporâneo das nações se encontra no poder sutil ou brando da influência e da respeitabilidade que ela ganha diante do resto do planeta a partir de suas instituições e de sua cultura, diferente dos séculos passados, quando grandes civilizações eram temidas por seu poder bélico apenas.

Outrossim, apontou-se a teoria de Duroselle sobre a leitura do mundo a partir da repetição e da frequência de certos eventos no globo. A datar da observação desses fenômenos, segundo o pesquisador, é possível tomar decisões melhores. Por último, trabalhou-se a perspectiva mais socialista de Bourdieu sobre o esporte e sobre como ele reforça as relações de poder existentes em uma sociedade, ao ter como referência determinadas regras e normas de conduta.

Em seguida, abordou-se como tais teorias se dão no uso do esporte e de seus megaeventos por elites governamentais e econômicas e ainda como elas podem ser observadas na importância que se dá ao legado olímpico. Segundo a literatura consultada, as relações internacionais entre os países passam pelo *soft power* (poder brando), e pela regularidade que hoje são instrumentos mais eficazes, ainda que pacíficos, nas relações de poder e da diplomacia. Buscou-se cumprir o objetivo de elucidar a importância social do esporte, não só como acesso, mas também como modelo de normas e de condutas, além de ser instrumento dos países para reforço de sua boa imagem internacionalmente e, por conseguinte, de obtenção de vantagem nas relações econômicas, políticas e culturais com outros países.

Referências

- ALMEIDA, Marco Bettine; GUTIERREZ, Diego. O *soft power* do Brasil e a cobertura da mídia internacional da Copa do Mundo da Fifa 2014. *Licere*, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, jun/2018 | <http://www.ceffto.ufmg.br/licere>.
- BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo. In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 136-153.
- BOOTH, Douglas. Sport Historians – What Do We Do? How Do We Do It?, in *Deconstructing Sport History – A Postmodern Analysis*. Ed. Murray G. Phillips. State University of New York Press, p. 28, 2006 | <http://library.lol/main/B5D3B112D07C4F2895ECB452018DCF2>.
- BUENO, Igor Alexandre Silva; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Conceitos fundamentais para leitura do campo esportivo pela perspectiva teórica bourdieusiana. *Rev. Sociologias Plurais*, v. 6, n. 1, p. 8-28, jan. 2020 | <https://revistas.ufpr.br/sclplr>.
- CARNEIRO, Juliana da Silva Pinto. O lugar da cultura nos Jogos Olímpicos: uma análise dos Jogos de Berlim (1936). *FuLiA / Universidade Federal de Minas Gerais*, v. 3, n. 1, p. 154-176, jan.-abr. 2018 | <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/index>.
- COLLINS, Tony. *Sport in Capitalist Society – A short history*. Routledge London and New York, p. 1, p. 10-11, p.120. 2013. | <http://library.lol/main/4D-F777CF086D838A88A0EBA9ABB18A32>.
- DUROSELLE, Jean-Baptiste. *Todo império perecerá: Teoria das relações internacionais*. Tradução de Ane Lize Spaltemberg de Siqueira Magalhães, Brasília: Universidade de Brasília, 2000. Coleção Relações Internacionais.
- EHRENBERG, Alain. *O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa*. São Paulo: Ideias & Letras, 2010.
- FERREIRA, Lúcio; BARROS, João Luiz; BRUZI, Alessandro Teodoro; FREUDENHEIM, Andrea Michele. Direitos Humanos, Esporte e Educação Física: desafios e perspectivas. *Revista Brasileira de Educação Física Esporte*, São Paulo, v.35(3), p.113-123, jul-set 2021.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. *Locais da memória: histórias do esporte moderno*. *Arquivos em Movimento*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, jul-dez/2005.
- LIMA, Mariza Antunes de; MARTINS, Clóvis J.; CAPRARO, André Mendes. Olimpíadas modernas: a história de uma tradição inventada. *Pensar a prática*, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 1-11, jan./abr. 2009 | <https://www.revistas.ufg.br>.
- NYE JR, Joseph S. *Soft Power: The Means to Success in World Politics*. New York: Public Affairs, 2004.
- PAIVA, Ellayne Kelly Gama de. *A cidade para o cidadão: O legado urbano dos Jogos Olímpicos*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de

Brasília, Brasília, 2013.

POLLEY, Martin. Moving the Goalposts – A history of sport and society since 1945. Routledge London and New York, p. 18, 2003 | <http://library.lol/main/FEC3F8CA32979B6D15B4E89AA71B6C78>.

PRONI, Marcelo. A Reinvenção dos Jogos Olímpicos: um projeto de marketing. Esporte e Sociedade, Rio de Janeiro, n.9 (3), jul.2008/out.2008 | <https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/48068>.

ROCCO JR, Ary José. Gestão do esporte no Brasil e no mundo: evolução histórica, organizações e perspectivas. Revista do Centro de Pesquisa e Formação, São Paulo, n. 13, dez/2021.

SILVA, Carolina Fernandes da; MAZO, Janice Zarpellon. Uma história das instrumentalidades do esporte no campo do associativismo esportivo em Porto Alegre/RS. Movimento, Porto Alegre, v. 21, n. 2., p. 377-389, abr./jun. de 2015 | <https://seer.ufrgs.br/Movimento>.

SILVA, Thalita Franciely de Melo; CAVALCANTI, Renan Tenório. O esporte como instrumento de diplomacia no cenário internacional. RICRI, v. 8, n. 16, p. 130-145, 2021 | <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ricri>.

TERRA, Vinicius; PIZANI, Rafael. Esporte moderno e educação burguesa: imagens do caráter esportivo no filme Carruagens de Fogo. Recorde: Revista de História do Esporte, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.8-9, jun. 2009.

VASCONCELLOS, Douglas Wanderley de. Esporte, poder e relações internacionais. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008.

Recebido em 26 de dezembro de 2022

Aprovado em 24 de julho de 2023

EDWALDO COSTA
VIRGÍLIO CAIXETA ARRAES